



PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA E O FEMINISMO

Junia Samara Cardoso Oliveira

Introdução

Esta pesquisa tem como recorte temporal a transição do século XIX para o século XX, que se constituiu em um momento de profundas transformações nos cenários político, econômico e social brasileiro e por se constituir também em um momento significativo das primeiras organizações e práticas de caráter feminista de forma mais organizada e abrangente. O foco de análise proposto por esta pesquisa é discutir escritos e práticas de Presciliana Duarte de Almeida, de caráter declaradamente feminista ou não, e como estes contribuíram para a construção de espaços mais abertos às mulheres, sua importância na difusão de ideais que favoreceram as mulheres na sua vida profissional, defendendo os seus direitos ao estudo e ao trabalho, afirmando a capacidade delas, divulgando suas produções e elevando a autoestima de muitas. A emergência e o florescimento desta imprensa feminista vieram contribuir de forma relevante para a circulação destas ideias que vinham pairando mundo afora e ganhando forças e se desenvolvendo em solo brasileiro. Algumas mulheres acharam na escrita um meio de externar os seus descontentamentos com as posições por elas ocupadas na hierarquia social do período. Os discursos propagados pela revista partem de mulheres e vêm dizer a outras mulheres que elas podem e devem lutar pela conquista da liberdade e do direito de serem instruídas, que elas possuem a mesma capacidade dos homens, de pensar e formular opiniões; que devem lançar novos olhares sobre si mesmas, e pensar, analisar e questionar os papéis destinados a elas dentro da sociedade. Apesar da revista *A Mensageira* [1], ter concentrado a sua circulação em São Paulo, sua criadora e mantenedora foi uma mineira, que foi além dos espaços considerados adequados para uma mulher do final do século XIX e começo do XX, e que contribuiu de forma indelével para a emancipação feminina. Essa pesquisa discutiu a relação entre as concepções hegemônicas a respeito da mulher à época e o trabalho por ela desenvolvido na revista que fundou e dirigiu e também realçar a participação de mulheres na sociedade, suas lutas e conquistas, deixando de realçar apenas o lado da opressão por elas vivida.

Material e Métodos

O *corpus* documental que dá suporte a esta pesquisa se constitui por fontes impressas: formado por revistas, encontradas no acervo da Biblioteca Nacional. Analisamos estas fontes a partir da concepção de documento - monumento, pensado a partir da concepção de que cabe ao historiador reconstituir um passado que é expresso neste documento, não de forma completa, e nem tomando o como uma narrativa verídica dos fatos, pois a História é uma narrativa de eventos, sempre será incompleta, não faz reviver e é imparcial, porque historiadores tratam de perspectivas do tempo. Segundo Michel Foucault, a nova postura da História frente aos documentos reflete que “*considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é o seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações*” [2] buscamos compreender através dos escritos femininos e de teor feministas, expostos nesta revista como se deu o processo de inserção das mulheres no setor da imprensa, e como esta entrada neste segmento contribuiu para o alargamento das reflexões acerca da condição feminina na sociedade, trazendo as suas vozes para o debate das ideias que se materializava na imprensa. Por meio dos seus escritos e dos seus discursos, as mulheres ocuparam um lugar de fala, o qual se mostra de significativa importância na construção de novas representações acerca da mulher e da condição social feminina. Para Eni Orlandi [3] o discurso está intimamente ligado às formações ideológicas, pois palavras não possuem sentido, em si mesmas, mas sim na *discursividade*.



Resultados e Discussões

A. Análise de Fontes.

A revista *A Mensageira*, fundada e dirigida por Presciliana Duarte de Almeida, uma mineira nascida em Pouso Alegre MG, em 03 de Julho de 1867, que após o casamento muda-se para São Paulo, onde funda a revista, nos diz muito sobre a imprensa feminina nos finais do século XIX e começo do XX, nos coloca diante de um relevante momento da luta pela emancipação feminina, para a qual a imprensa de cunho feminista contribuiu significativamente. A revista *A Mensageira*, nasceu como uma revista de cunho literário e persiste com este perfil até o final de suas publicações, destoava em muitos aspectos dos jornais e revistas que circulavam na época destinados às mulheres, periódicos estes que se importavam apenas com as questões de beleza, moda, e etiqueta. *A Mensageira* tinha por sua prioridade levar às leitoras assuntos e discussões que se mostravam novos para muitas daquele período, questões como direito à instrução para as mulheres, enfatizando que somente através da instrução elas poderiam ser boas mães e boas dona- de- casa, e convidando-as a participarem do mundo das letras, escrevendo e publicando os seus escritos nesta revista. Os jornais e as revistas de cunho feminista defendiam num primeiro momento o direito de acesso das mulheres a instrução, alegando que seria para benefício de um melhor desempenho delas no âmbito do lar. *A Mensageira*, propunha às mulheres e as incitava a se desenvolverem intelectualmente, usando como exemplo mulheres que não se deixaram enquadrar num único modelo, que conquistaram espaços considerados de exclusividade masculina, citando mulheres que se embrenharam na medicina, nas letras e em outras profissões e atividades. A partir desta abertura oferecida por este meio de comunicação, Presciliana Duarte de Almeida, com a sua revista, contribuiu para a construção de espaços mais abertos às mulheres, com as suas difusões de ideais que favoreciam as mulheres na vida profissional e social. Ao divulgar as suas produções e ao incentivar estas mulheres, afirmando a capacidade delas, elevava assim a autoestima de muitas, o que favorecia de forma significativa a inserção e o interesse destas neste meio. Este discurso propagado pela revista, vem dizer a estas mulheres que elas podem e devem lutar pela conquista da liberdade feminina e do direito de serem instruídas, porque elas possuem a mesma capacidade dos homens, de pensar e formular opiniões, suscitando assim nestas mulheres novos olhares sobre si mesmas e instigando-as a partir destes discursos a pensar, analisar e questionar quais eram os papéis desempenhados por elas dentro da sociedade, estimulando muitas mulheres a trazerem para o bojo das suas discussões, direito tais como, uma inserção feminina mais relevante e ativa na sociedade.

B. Discussão Teórica

Apesar do fato de que o feminismo ter sido reconhecido como um dos movimentos sociais e políticos mais bem sucedidos do século XX, persiste ainda uma ausência de estudos nos campos historiográficos que se dedicam a registrar e aprofundar as análises sobre as práticas e lutas emancipatórias das mineiras do período recortado. Segundo algumas autoras estudiosas do tema, elas acreditam que os estudos e as abordagens sobre práticas feministas, devem ser aprofundados de forma mais ampla, abarcando o século XIX, pois toda prática que seja divergente dos discursos e representações contruídas do que deveria ser uma “mulher ideal”, se encaixa no rol das discussões feministas. Como estas discussões já vinham sendo feitas desde a segunda metade do século XIX, estas serviram de base para as posteriores reivindicações feministas. Os meios de comunicação brasileiros na virada dos séculos XIX para o XX utilizou muito da influência que exercia sobre a sociedade, para desacreditar e desmoralizar as reivindicações femininas. A imprensa conservadora se encarregou de propagar para a sociedade, os malefícios que a concessão dos direitos femininos poderia incorrer para a mesma, e como estas concessões iriam desestruturar toda uma organização social estabelecida. Para desacreditar e ridicularizar os ideais feministas, a imprensa conservadora se utilizava de *charges* e textos onde as mulheres eram retratadas de forma grotesca, masculinizada, carrancudas e com ar de superioridade, criando assim os estereótipos do que seria para eles uma mulher com pretensões feministas, tanto aparentemente como intelectualmente. A imprensa feminista e a conservadora, dos finais do século XIX e começo do século XX propicia a nós historiadores uma fonte de relevante valor para se analisar e historicizar as condições de gênero, as relações comportamentais e as suas variáveis que permeavam aquela sociedade.



Considerações finais

A imprensa de cunho feminista contribuiu de forma significativa na luta pela emancipação feminina, são diversos os estudos hoje que contemplam a imprensa como fonte de pesquisa, quando se trata de historicizar a luta das mulheres em defesa dos seus direitos. Estas buscavam, por intermédio dos periódicos, elucidarem os pontos cruciais das suas lutas. Esta fonte demonstra a sua inexorável importância para se entender os emaranhados das relações que se estabeleceram no período vigente. Um período marcado por intensas transformações de cunho político, social e econômico, e que tentou de várias formas, reafirmar o papel cabível às mulheres dentro da sociedade, através de discursos normalizadores, religiosos, e médico-cientificistas, que sustentaram toda a hierarquia moralista que existia em detrimento das mulheres. Muitos estudiosos consideram as práticas feministas do século XIX de importância menos significativa, quando se trata de estudar o florescimento do feminismo no Brasil, sempre delimitando os seus estudos a partir do século XX, mas quando se trata de utilizar a imprensa feminista como fonte de estudos, não poderíamos deixar de falar do século XIX, onde se fizeram as bases que firmariam as posteriores discussões feministas, contribuindo, abrindo caminhos, e influenciando novos modelos comportamentais, e mostrando-se de relevante significação para a gradual ruptura dos conceitos morais que permeavam o período.

Referências

- [1] A MENSAGEIRA. São Paulo, Anno I, nº 1, 15 de out. 1897.
- [2] FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Traduzido por Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 7.
- [3] ORLANDI, Eni. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 4 ed. Campinas: Pontes, p. 43.